



## **Produção editorial e comunicação científica: uma proposta para edição de periódicos científicos<sup>1</sup>**

Ana Cláudia Gruszynski<sup>2</sup>

Cida Golin<sup>3</sup>

Raquel da Silva Castedo<sup>4</sup>

### **Resumo**

A produção editorial contemporânea revela as tensões existentes entre o tradicional mundo impresso, com limites físicos de informação, e o espaço on-line como um contínuo informativo. Problematizando o cenário da comunicação científica, este artigo apresenta os resultados finais da pesquisa *Os elementos comunicacionais dos periódicos científicos e a relação com os suportes impresso e on-line: estudo-piloto na UFRGS*. A partir da perspectiva da produção editorial, propõe dois roteiros para orientação das comissões editoriais na edição, consolidação e qualificação de periódicos científicos impressos e eletrônicos.

### **Palavras-chave**

Produção editorial; comunicação científica; periódicos científicos; UFRGS.

A comunicação em rede e a tecnologia digital vêm desestabilizando práticas que orientaram a produção editorial ao longo do século XX. Do planejamento de seus processos à circulação de produtos cada vez mais diversificados e dirigidos, são muitos os desafios impostos aos profissionais envolvidos nesta atividade. Refletir sobre a prática editorial, contudo, não é apenas lidar com um conjunto de técnicas e estratégias voltadas à produção de livros e periódicos. É colocar-se diante de artefatos que armazenam e colocam em circulação o conhecimento humano, articulando em seu entorno fatores econômicos, sociais, simbólicos, estreitamente relacionados a dinâmicas de poder e de disputas.

A tecnologia responsável pela produção de impressos e sua apropriação por diferentes grupos sociais estabelecidos em espaços temporais e geográficos distintos representou um importante fator na configuração das práticas editoriais. Ao propor uma história social do conhecimento entre o Renascimento e o Iluminismo, Burke (2003) enfatiza o papel crucial da invenção da imprensa com tipos móveis, tecnologia que

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP Produção Editorial, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

<sup>3</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS.

<sup>4</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS.



ampliou a difusão dos saberes, facilitando a interação entre pessoas em lugares e culturas distintas por meio do acesso a um mesmo padrão de texto e imagem.

Bragança (2005), em notas para uma constituição da história do editor, trata do trabalho pioneiro dos impressores-editores e dos livreiros-editores, discutindo sobre seu papel emergente no século XV. A consolidação do ofício envolveu questões de custo, organização institucional, estabelecimento e gerenciamento de direitos sobre o que é publicado, seleção de textos, censura, modos de circulação e aprimoramento tecnológico, que configuraram a figura do editor-empresário no século XIX. Ao longo da primeira metade do século XX, o desenvolvimento da cultura impressa ocorre “sob a hegemonia do editor-empresário e das instituições escolares e nacionais” (BRAGANÇA, 2005, p. 232), característica que entra em crise no período seguinte a partir do surgimento e fortalecimento dos meios audiovisuais. Novas estratégias editoriais buscaram assegurar a sustentação das empresas dedicadas à edição. A partir de 1935, por exemplo, a ampliação do repertório de edições de bolso resultou na formação de grandes editoras dedicadas ao *pocket book* de alta qualidade editorial.

O surgimento dos meios digitais e da Internet repercutiu fortemente em um campo regido pela tradição, exigindo a reavaliação de critérios e parâmetros que sempre orientaram sua práticas. A atividade editorial – ao lidar com a escrita em diferentes suportes – tem como elemento fundamental a materialidade dos artefatos por ela gerados, que se constituem como parte inalienável das representações, revelando a importância da edição e da impressão na constituição da cultura gráfica. Nesse sentido, Lyons (1999) argumenta que a forma física do texto, na tela ou no papel, seu formato, a disposição do espaço tipográfico na página são fatores que determinam a relação histórica entre leitor e texto. Vemos, por exemplo, que o livro impresso herdou várias convenções do manuscrito, mas gradativamente desenvolveu sua própria sistemática de configuração das páginas. Os elementos que compõem sua interface são resultado de um processo histórico, onde formas que hoje nos parecem naturais baseiam-se na apropriação de técnicas datadas e transitórias.

Assim como a configuração gráfica, as práticas de leitura ao longo do tempo são experiências que envolvem aspectos sociais e individuais, desde expectativas de leituras, competências e os gêneros de textos lidos. Para Chartier (1996), o ato de ler resulta de tensões estabelecidas entre dois conjuntos de fatores: os relacionados aos leitores e às comunidades de interpretação nas quais estão inseridos; e aqueles que envolvem os textos e a sua materialidade. Portanto, ao propormos uma reflexão sobre



um produto específico gerado por meio de uma atividade editorial, entendemos ser fundamental a consideração de tais fatores que contextualizam nosso objeto de análise.

As práticas editoriais associadas aos periódicos científicos impressos e eletrônicos na contemporaneidade nos colocam diante de um gênero de publicação que circula em um espaço social singular – a comunidade científica, os pares – e que se configura inicialmente segundo estrutura e função surgidas no século XVII. Segundo Houghton (1975), os primeiros periódicos científicos – *Journal des Sçavans* e *Philosophical Transaction* – datam de 1665. Ambos contribuíram como modelos diferentes para a literatura científica: o primeiro influenciou o desenvolvimento das revistas dedicadas à ciência geral, sem comprometimento com uma área específica, e o segundo se tornou modelo das publicações das sociedades científicas, que apareceram em grande número na Europa, durante o século XVIII (STUMPF, 1998).

Meadows (1999) aponta várias razões para o surgimento dos periódicos científicos na segunda metade do século XVII. Entre elas, a esperança de editores em obter lucro com as revistas, e a crença de que para fazer novos descobrimentos era preciso que houvesse um debate coletivo. No entanto, o motivo principal, segundo o autor, partiu da necessidade de comunicação eficiente com uma clientela que crescia rapidamente interessada em novas realizações. Apesar da introdução da revista científica impressa ser um passo lógico para a época, isso suscitava implicações notáveis para a ciência, uma vez que significava a formalização do processo de comunicação científica. Os canais existentes para a comunicação científica no século XVII – principalmente a comunicação oral, a correspondência pessoal e os livros – foram todos, em certa medida, modificados ou até mesmo substituídos gradativamente pela nova modalidade formal constituída pelos periódicos.

O formato das revistas científicas manteve-se praticamente inalterado nos últimos séculos. Somente a partir da segunda metade do século XX que, com o avanço da tecnologia, o perfil das revistas começou a mudar efetivamente. Na década de 60, o uso de microfimes, em substituição às cópias em papel, surgiu como possibilidade para reduzir o custo das assinaturas e da remessa, além de diminuir o espaço de armazenamento dos periódicos (STUMPF, 1998). A alternativa não foi bem aceita, nem por assinantes particulares nem pelos usuários das bibliotecas, sendo hoje utilizada apenas como uma forma de obtenção de volumes antigos. A partir da década de 70, os avanços da editoração eletrônica foram capazes de trazer maior qualidade e rapidez na editoração. Entre as tentativas de informatizar todo o processo editorial, destacam-se os



projetos de *Editorial Processing Centers* (EPC), desenvolvido nos Estados Unidos, e *Birmingham and Loughborough Electronic Network Development* (BLEND), da Inglaterra. A grande mudança, contudo, ocorre a partir da década de 1990 com o início da transmissão eletrônica de artigos por meio da Internet. A gênese dos periódicos científicos eletrônicos está ligada à comunicação que ocorria por meio de cartas (*e-mails*) e pequenos jornais dirigidos (*newsletters*), que gradualmente deslocou-se para esse outro meio.

### **O campo científico e produção de periódicos**

O periódico científico, no processo de comunicação da ciência, funciona como uma das instâncias de consagração. Ao atuar como um filtro seletivo, reproduzindo as sanções e exigências próprias do campo científico, confere valor às pesquisas e as situa no seu grau de originalidade em relação ao conhecimento já acumulado em determinada área do conhecimento. Vários autores (MEADOWS, 1999; STUMPF, 1996; BIOJONE, 2003; MARCHIORI & ADAMI, 2005) corroboram que o modelo ideal de periódico é um instrumental qualitativo. Garante a memória da ciência, aponta seu grau de evolução, estabelece a propriedade intelectual, legitima novos campos de estudos e disciplinas, constitui-se em fonte para o início de novas pesquisas, dando visibilidade e prestígio aos pesquisadores entre um público altamente especializado, os seus pares.

Na medida em que não existe investigação sem estratégias específicas de divulgação de seus resultados, ou seja, de reconhecimento entre os pesquisadores-concorrentes de um mesmo segmento, o periódico científico assume o papel de principal veículo formal da comunicação científica (BOURDIEU, 1983; OLIVEIRA, 2005). Ao reunir pelo menos parte da produção mais representativa dos campos de estudo, as revistas são utilizadas como indicadores para avaliação de cursos de pós-graduação, concessão de bolsas, progressão funcional, entre outros. Atuam como índices nos sistemas de julgamento que configuram as estruturas institucionais de pesquisa e, conseqüentemente, dos mecanismos decisórios de poder e distribuição de verbas destinadas a ela.

A partir de sua teoria dos campos, Bourdieu (1983) apresenta o campo científico como um lugar onde ocorrem lutas pelo monopólio da autoridade, ou seja, pela competência científica, compreendida como a capacidade de um agente em falar e agir de maneira autorizada e com autoridade. As práticas estabelecidas no jogo concorrencial



estão voltadas à construção daquilo que é percebido, a partir do próprio campo, como importante e interessante, logo, com maiores chances de reconhecimento.

Neste cenário descrito por Bourdieu, a publicação dos resultados de pesquisa em periódicos de reconhecimento coloca-se como uma das formas fundamentais de luta por autoridade científica (reputação e prestígio) entre um público seletivo de leitores concorrentes. Deste modo, a qualificação das revistas científicas, preocupação constante de suas equipes editoriais, ganha a atenção dos pesquisadores/autores, que tendo acesso a esses títulos, procuram colaborar com as edições de maior qualidade e visibilidade. A busca permanente pela criação de critérios de qualidade para periódicos, difundida no Brasil a partir da década de 1960, aparece ao mesmo tempo como consequência e constante incentivo aos pesquisadores pela divulgação de seus artigos nos mais respeitados veículos.

Na medida em que o reconhecimento científico orienta a produção das revistas, os critérios de avaliação dessas publicações científicas ditam as metas a serem alcançadas pelas equipes editoriais. Enquanto os periódicos científicos existiram apenas no papel, a identificação de critérios para a avaliação e comparação de desempenho manteve a coerência das possibilidades de produção vista a partir de um único suporte. A criação dos formatos eletrônicos, no entanto, impulsionou a migração do impresso para o espaço on-line; diversos títulos ganharam versões híbridas (eletrônica e impressa) e outros tantos já nasceram na Internet, desafiando o estabelecimento de novos parâmetros de qualidade para esse tipo de publicação.

### **Do impresso ao on-line**

A comunicação por meio de periódicos científicos eletrônicos vem se ampliando significativamente nos últimos anos. Dados como o da pesquisa efetuada por Lawrence (2001) que apontam que a circulação eletrônica dos artigos aumenta cerca de 336% as citações on-line em relação à mesma fonte impressa referendam a busca pela visibilidade e prestígio em um campo especializado e competitivo. Quase três séculos depois da criação da primeira revista científica impressa, surge, em 1978, a primeira revista científica eletrônica, financiada pela *National Science Foundation* e desenvolvida no *New Jersey Institute of Technology*, nos Estados Unidos da América (TARGINO, 1999). Desde então, mudanças, adaptações e avanços permeiam o desenvolvimento de revistas científicas eletrônicas.



A primeira vantagem vista pelos editores de títulos científicos disponibilizados na Internet, apresentados ainda com layout nos moldes das revistas impressas, foi a alteração na distribuição e visibilidade das edições. Já é possível, entretanto, pensar em um outro nível de transformação da comunicação científica que se percebe na etapa de produção dessas publicações. Não se trata-se apenas do uso da tecnologia digital a fim de otimizar o processo de edição, com o uso de *softwares* de editoração, troca de informações via e-mail ou disponibilização de forma eletrônica do conteúdo criado para ser impresso – entre tantos outros facilitadores –, mas sim da utilização dessa tecnologia na criação de novos modelos de comunicação das informações científicas.

Dedicado ao estudo dos periódicos científicos eletrônicos, Lancaster (1995) descreve quatro etapas de sua evolução. No início da década de 1960, o incipiente uso de computadores gerava publicações impressas convencionais, possibilitando impressões por demanda e customizadas a partir das necessidades de cada leitor. Em seguida, o texto passa a ser distribuído eletronicamente em versão similar ao papel. A terceira fase consistiu na distribuição de periódicos apenas em formato eletrônico; nesse caso, a publicação avançou um pouco mais com a utilização de ferramentas de busca e manipulação de dados, além de alerta aos leitores de que foram publicados artigos de seu interesse, a partir do cadastro de seus perfis. O quarto momento descrito compreende a geração de um tipo de publicação completamente novo, que explora as reais potencialidades do meio eletrônico, como por exemplo, hipertexto e hipermídia, áudio, vídeo.

O autor argumenta que, apesar desses quatro passos serem considerados lógicos no processo evolutivo, é difícil descrever em que fase se encontra a maioria das revistas, uma vez que todas as etapas coexistem atualmente. Por outro lado, o último estágio descrito por Lancaster (1995) ainda não estaria completamente atingido, já que pouquíssimos são os autores preocupados em produzir material concebido especificamente para publicação on-line.

### **Periódicos em transição: um estudo de caso da UFRGS**

Com o objetivo de verificar os elementos editoriais e gráficos das revistas editadas pelas áreas de Ciências Humanas; Ciências Sociais Aplicadas; Linguística, Letras e Artes, publicadas entre 2003 e 2004 pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a pesquisa *Os elementos comunicacionais dos periódicos científicos e a relação com os suportes impresso e on-line: estudo-piloto na UFRGS* problematizou aspectos



técnicos, semânticos e persuasivos relacionados à comunicação científica por meio de periódicos. Percebeu-se no conjunto de 23 títulos analisados o cenário contemporâneo deste tipo de publicação: a migração do suporte tradicional impresso para o eletrônico, sinalizando impasses e lacunas desta transição, assim como as novas estratégias de visibilidade do conhecimento.

A coexistência das fases apontadas por Lancaster (1995) no *corpus* avaliado demonstrou que ainda há vários desafios e serem vencidos pelas publicações da Universidade no sentido de qualificar a comunicação por meio de periódicos em seus diferentes níveis estruturais. (GRUSZYNSKI & GOLIN, 2006; GRUSZYNSKI & GOLIN, 2007; GRUSZYNSKI, GOLIN & LUCCHESI, 2007<sup>5</sup>) A partir da análise efetuada, a equipe elaborou dois roteiros – um relacionado aos periódicos impressos e outro aos on-line – que visam orientar as comissões editoriais na gestão dos vários procedimentos que abrangem a publicação de revistas científicas.

O trabalho de pesquisa desenvolvido entre 2005 a 2007 levou em consideração que a avaliação de periódicos tem sido objeto de pesquisas desde a década de 60, envolvendo a busca de parâmetros para dimensionar a qualidade das informações registradas. O estudo realizado por Kryzanowski e Ferreira (1998), que analisou os periódicos sob os aspectos de forma e mérito (desempenho e conteúdo), serviu como referência para a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – do Ministério da Educação – MEC – para a classificação das publicações nos últimos anos.<sup>6</sup>

Outros roteiros voltados para avaliação de periódicos foram desenvolvidos por Sarmiento e Souza, Foresti e Vidotti (2004), que elaboraram um protótipo específico para a publicação eletrônica que foi utilizado para análise de dois títulos da área de Ciências da Informação, disponíveis gratuitamente na Internet; e Trzesniak (2006) que definiu critérios de análise tanto para impressos e eletrônicos, a partir de quatro dimensões de qualidade: técnico-normativa; finalidade de produto; qualidade de

---

<sup>5</sup> A totalidade da produção científica desenvolvida pelo grupo de pesquisadores está disponível em <<http://www.ufrgs.br/lead>> junto ao *link* publicações que abrange trabalhos publicados em periódicos e em anais de congressos.

<sup>6</sup> O Sistema *Qualis* <<http://qualis.capes.gov.br>> avaliou os periódicos das diferentes áreas em categorias A, B e C dentro dos âmbitos local, nacional e internacional. A decisão do Conselho Técnico Científico (CTC) da Capes de 26 de março de 2008 deliberou pela mudança na sistemática de classificação dos periódicos, os quais passarão a ser classificados em uma escala de 1 a 7, independentemente de indicações geográficas da publicação. Deverão ser estabelecidos parâmetros de avaliação pelas diferentes áreas do conhecimento que minimizem as discrepâncias de critérios entre as mesmas. O novo sistema deverá ser implementado ainda este ano.



mercado; processo produtivo, destacando, no caso do eletrônico, aspectos essenciais como busca, preservação e metadados.<sup>7</sup>

Enquanto os roteiros elaborados por esses pesquisadores visaram estabelecer critérios para avaliar os periódicos científicos, considerando o que estava consolidado no produto editorial pronto e publicado, procuramos enfatizar o outro pólo da produção editorial, ou seja, o planejamento, o estabelecimento de fluxos de edição, bem como a definição de estratégias de circulação. Entendemos que essa poderia ser uma contribuição singular dos estudos da Comunicação junto a um tema que vem recebendo atenção de pesquisadores vinculados majoritariamente ao campo das Ciências da Informação. As revistas são editadas por pesquisadores especialistas em seus campos, mas que muitas vezes não detêm o conhecimento dos processos de produção editorial. Portanto, as comissões podem encontrar nos roteiros que propomos a seguir – um voltado para o meio impresso e outro para o on-line – orientações a respeito dos diferentes aspectos que devem ser observados e sistematizados na edição de periódicos científicos, visando sua consolidação e qualificação.

Como foi discutido ao longo do presente artigo, estamos em um momento de intensas e rápidas mudanças no âmbito da produção editorial, em particular daquelas associadas à comunicação científica. Entendemos que os itens reunidos e sistematizados nos roteiros propostos correspondem a demandas de um período histórico específico caracterizado pela crise do modelo clássico de produção, distribuição e consumo dos periódicos científicos. Esse processo passa pela inevitável migração do suporte tradicional impresso para o eletrônico, sinalizando mudanças tanto no mercado editorial como nas estratégias de visibilidade do conhecimento.

Vejamos, então, na Figura 1 as orientações direcionadas aos periódicos impressos e na Figura 2 aquelas direcionadas aos eletrônicos, para, a seguir, explicitarmos com maior detalhamento os itens apresentados. Enfatizamos nos roteiros três etapas fundamentais – o planejamento editorial, o fluxo editorial e a circulação – que visam assegurar a qualidade da produção de um periódico científico.

---

<sup>7</sup> Pode-se citar ainda os trabalhos de OLIVEIRA, Érica B. Produção científica nacional na área de geociências: análise de critérios de editoração, difusão e indexação em bases de dados. **Ciências da Informação**, Brasília, v. 34, n. 2, p. 34-42, maio/ago. 2005 e MENDONÇA, T. C.; FACHIN, Gleisy Regina Bories; VARVAKIS, G., Padronização de periódicos científicos on-line: estudo aplicado na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Informação & Sociedade. Estudos**, v. 16, p. 1-27, 2006.



## A) Planejamento editorial

### 1 Gestão editorial

- 1.1 Composição de corpo editorial  
Comissão executiva e editor responsável  
Conselho editorial com abrangência:  
- Local / Nacional / Internacional
- 1.2 Definição de avaliadores *ad hoc*

### 2 Infra-estrutura

- 2.1 Espaço físico
- 2.2 Equipamentos e recursos tecnológicos

### 3 Serviços técnicos especializados

- 3.1 Recursos financeiros para contratação
- 3.2 Parcerias, fomento ou patrocínio

### 4 Política editorial

- 4.1 Título e subtítulo do periódico
- 4.2 Área de conhecimento abrangida
- 4.3 Projeto editorial  
Missão  
Periodicidade  
Avaliação por pares e critérios de arbitragem  
Originalidade dos artigos  
Seções  
Ídiomas  
Perfil de autores e leitores  
Requisitos normativos  
Circulação

### 5 Critérios de edição (decorrentes da política editorial)

- 5.1 Diretrizes para autores  
Modo de submissão  
Normalização utilizada e exemplos  
Formato e tamanho para textos e ilustrações  
Direitos autorais  
Documento de aprovação por comissão ética em pesquisa
- 5.2 Número mínimo de textos por volume
- 5.3 Organização/edição dos conteúdos em ordem:  
Alfabética / Temática / Por data de aceite
- 5.4 Cronograma/prazos por etapa

## B) Fluxo editorial

### 1 Edição de texto

- 1.1 Avaliação pelos pares
- 1.2 Mediante aceite, revisão ortográfica e gramatical
- 1.3 Mediante aceite, normalização técnica  
Elementos que devem constar no fascículo
  - Dados de identificação do periódico  
Título  
ISSN e/ou E-ISSN  
Dados para contato
  - Dados de identificação do fascículo  
Legenda bibliográfica  
Ficha catalográfica  
Código de barras
  - Instituição responsável  
Dados institucionais  
Fontes de apoio/patrocínio
  - Dados sobre gestão e política editorial  
Nominata de membros  
Missão  
Periodicidade  
Avaliação por pares e critérios de arbitragem  
Diretrizes para submissão  
Propriedade do direito autoral

- Dados sobre circulação  
Forma de distribuição  
Forma de difusão  
Autorização para reprodução  
Local e data de publicação  
Tempo de publicação
  - Sumário da edição
  - Dados sobre fascículos anteriores
- Elementos que devem constar no artigo
- Autoria  
Nome  
Filiação/currículo  
Contato
  - Texto  
Título  
Resumo  
Descritores  
Referências  
Data de recebimento e aceite
  - Dados de identificação do artigo  
Legenda bibliográfica  
Paginação seqüencial no fascículo

### 2 Edição de layout

- 2.1 Projeto gráfico  
Uso de diagrama: unidade visual e formato da coleção
  - Formato
  - Margens e colunas  
1ª a 4ª Capas  
Lombada  
MioloEscolha tipográfica: padrão no uso de estilos de texto
  - No fascículo
  - Na coleçãoUso de ilustrações com qualidade de reprodução  
Definição dos recursos de produção gráfica
  - Números de cores
  - Papéis utilizados
  - Acabamentos
- 2.2 Diagramação do fascículo/artigos
- 2.3 Revisão de provas
- 2.4 Produção gráfica - Impressão

## C) Circulação

### 1 Regularidade

- 1.1 Periodicidade
- 1.2 Continuidade

### 2 Distribuição

- 2.1 Tiragem
- 2.2 Data de impressão
- 2.3 Forma de aquisição por:  
Assinatura / Permuta / Distribuição gratuita / Compra avulsa
- 2.4 Disponível em outro formato  
On-line  
Outros

### 3 Difusão

- 3.1 Presença em bases de dados:  
De textos completos / Referenciais / De citações
  - Com critérios seletivos reconhecidos pela área
  - Com critérios seletivos de abrangência restrita
- 3.2 Fator de impacto

Figura 1 – Orientação para edição de periódicos científicos impressos



<b>A) Planejamento editorial</b>	
<b>1 Gestão editorial</b>	
1.1 Composição de corpo editorial Comissão executiva e editor responsável Conselho editorial com abrangência: - Local / Nacional / Internacional	
1.2 Definição de avaliadores <i>ad hoc</i>	
<b>2 Infra-estrutura</b>	
2.1 Espaço físico	
2.2 Equipamentos e recursos tecnológicos	
<b>3 Serviços técnicos especializados</b>	
3.1 Recursos financeiros para contratação	
3.2 Parcerias, fomento ou patrocínio	
<b>4 Política editorial</b>	
4.1 Título e subtítulo do periódico	
4.2 Área de conhecimento abrangida	
4.3 Projeto editorial Missão Periodicidade Avaliação por pares e critérios de arbitragem Originalidade dos artigos Seções Idiomas Perfil de autores e leitores Requisitos normativos Circulação	
<b>5 Critérios de edição (decorrentes da política editorial)</b>	
5.1 Diretrizes para autores Modo de submissão Normalização utilizada e exemplos Formato e tamanho para documentos eletrônicos Metadados da submissão Direitos autorais Documento de aprovação por comissão ética em pesquisa	
5.2 Número mínimo de textos por volume	
5.3 Organização/edição dos conteúdos em ordem: Alfabética / Temática / Por data de aceite	
5.4 Cronograma/prazos por etapa	
<b>B) Fluxo editorial</b>	
<b>1 Edição de texto</b>	
1.1 Avaliação pelos pares	
1.2 Mediante aceite, revisão ortográfica e gramatical	
1.3 Mediante aceite, normalização técnica	
Elementos que devem constar no site	
- Dados de identificação do periódico Título E-ISSN e/ou ISSN Dados para contato	
- Instituição responsável Dados institucionais Fontes de apoio/patrocínio	
- Dados sobre gestão e política editorial Nominata de membros Missão Periodicidade Avaliação por pares e critérios de arbitragem Diretrizes para submissão Propriedade do direito autoral	
- Dados sobre circulação Forma de distribuição Forma de difusão Autorização para reprodução Local e data de publicação Tempo de publicação	
	Elementos que devem constar no fascículo - Sumário do fascículo - Expediente Dados de identificação do periódico Dados sobre gestão e política editorial do periódico Dados sobre forma de circulação do periódico
	Elementos que devem constar no artigo - Autoria Nome Filiação/currículo Contato
	- Texto Título Resumo Descritores Referências Data de recebimento e aceite
	- Dados de identificação do artigo Legenda bibliográfica Paginação sequencial no fascículo Data de publicação e eventual atualização do arquivo DOI
	<b>2 Edição de layout</b>
	2.1 Arquitetura da informação e interface do site Consistência entre as páginas - Estilos de menus/barras de navegação - Estilos de texto - Estilos de cores e imagens - Estilos de link Tipos de recursos utilizados pelos artigos - Texto - Imagem fixa - Imagem em movimento - Áudio - Outros Formato dos fascículos e artigos Sistema de busca Ferramentas contextuais Acessibilidade
	2.2 Diagramação do fascículo/artigos
	2.3 Revisão de provas
	2.4 Disponibilização on-line/publicação
	<b>C) Circulação</b>
	<b>1 Regularidade</b>
	1.1 Periodicidade
	1.2 Continuidade
	<b>2 Distribuição - Formas de acesso</b>
	2.1 Livre (protocolo OAI-PHM)
	2.2 Aberto por site próprio
	2.3 Mala direta
	2.4 Assinatura
	2.5 Disponível em outro formato Impresso Outros
	<b>3 Difusão</b>
	3.1 Presença em bases de dados: De textos completos / Referenciais / De citações - Com critérios seletivos reconhecidos pela área - Com critérios seletivos de abrangência restrita
	3.2 Estatísticas de acesso e fator de impacto Periódico Fascículos Artigos - Consulta - Download

Figura 2 – Orientação para edição de periódicos científicos on-line

Realizar o planejamento editorial de uma publicação impressa significa pensar na gestão editorial do título, na infra-estrutura básica para sua implementação e manutenção, nos serviços técnicos necessários, na política editorial a ser adotada e nos



critérios de edição a serem utilizados. A gestão editorial do periódico contempla o estabelecimento de um corpo editorial: a definição da comissão executiva e do editor responsável – que gerenciarão as etapas de produção da publicação –, e também do conselho editorial – constituído de especialistas reconhecidos que são os responsáveis científicos da publicação. O passo seguinte será a definição de avaliadores *ad hoc* para o periódico.

A preocupação com a infra-estrutura do processo de edição se reflete na previsão do espaço físico a ser utilizado, dos equipamentos e recursos tecnológicos prioritários – computadores de mesa, impressoras, *scanners*, *softwares* de edição de texto e de layout, navegador *web*, instalação de rede informática, contratação de servidor seguro para arquivamento e publicação de arquivos. Ao contratar serviços técnicos especializados, deve-se pensar nos recursos financeiros disponíveis, possibilidade de parcerias, verbas de fomento ou patrocínio para sua realização.

A definição da política editorial pressupõe a escolha do título e subtítulo do periódico, a área de conhecimento abrangida e o projeto editorial da publicação – no qual são descritos a sua missão, periodicidade, avaliação por pares, critérios de arbitragem, exigência de originalidade dos artigos, seções, idiomas, perfil de autores e leitores, requisitos normativos e dados sobre a circulação da publicação.

Os critérios de edição incluem as diretrizes para os autores. São orientações que garantem transparência ao processo de edição, explicando o modo de submissão dos artigos e a normalização utilizada pelo periódico. Sugere-se a inserção de alguns exemplos de aplicação, formato e tamanho para textos e ilustrações, a explicitação dos direitos autorais e solicitação de documento de aprovação por comissão ética de pesquisa. Em cada edição, é preciso respeitar um número mínimo de textos por volume – pelo menos 14, segundo orientações recentes<sup>8</sup> da CAPES –, e seguir uma estratégia de organização/edição dos conteúdos – ordem alfabética, temática ou por data de aceite –, além de um rigoroso cronograma/prazos para cada etapa do processo editorial,

---

<sup>8</sup> O novo sistema de avaliação dos periódicos científicos a ser implementado em 2008 parte de diretrizes comuns a todas as áreas, mas que estão sendo especificadas tendo em vista os critérios específicos de cada campo. Existem critérios mínimos para que uma revista se enquadre como periódico científico que são: Editor responsável; Comissão Editorial que auxilie o Editor na tomada de decisões; Conselho consultivo formado por pesquisadores de diferentes instituições; registro de ISSN; linha editorial definida (expediente: missão, foco temático, periodicidade e forma de avaliação/revisão); normas de submissão claras; periodicidade regular definida; avaliação dos originais realizada por membros do Conselho Consultivo ou pareceristas *ad hoc*; publicar contribuições na forma de artigos assinados; indicar a titulação e afiliação institucional dos autores; indicar a titulação afiliação institucional dos membros do Conselho Consultivo ou dos pareceristas *ad hoc*; título, resumo e palavras-chave no mínimo em dois idiomas, sendo um deles na língua do periódico; e data de recebimento e aceitação de cada artigo. Uma vez atendidos esses critérios, exigências adicionais servirão para enquadramento em estratos de 2 a 7.



garantindo pontualidade.

O fluxo editorial é composto das etapas de edição de texto e edição de layout. A edição de texto de cada número tem início com a avaliação pelos pares dos originais submetidos. Uma vez aceito um artigo para publicação, iniciam-se a revisão ortográfica e gramatical, bem como a normalização técnica das informações que devem constar em cada texto. As informações do fascículo devem ser revisadas e normalizadas quando já estiver decidido quantos e quais artigos entrarão naquele número.

A etapa de edição de layout começa na definição do projeto gráfico da publicação – onde são propostos um diagrama/*grid* para o periódico, tipografia, estilos para ilustrações (tabelas, quadros, fotos) e os recursos de produção a serem utilizados. Trata-se de um conjunto de características que proporcionam a unidade visual da coleção. Com o projeto gráfico determinado – o que pode ocorrer concomitantemente à definição do projeto editorial do periódico –, e a edição de texto concluída, é o momento da diagramação dos fascículos/artigos – etapa que consiste na distribuição nas páginas dos textos e ilustrações, a partir das especificações do projeto gráfico. A revisão das provas é feita após a conclusão da diagramação, podendo ser realizada em diversas fases, a partir da leitura do revisor e das sucessivas correções nos arquivos do layout. A produção gráfica – impressão – tem início com a aprovação do layout de todas as páginas pelo editor responsável.

A circulação é estratégica para a consolidação de um periódico, sendo decisiva a definição de sua regularidade, distribuição e difusão. Para que se mantenha constante e atinja o público-alvo, é preciso prever uma periodicidade possível de ser mantida ao longo do tempo, garantindo continuidade à coleção. A periodicidade mínima indicada pela CAPES é de dois números por ano. A distribuição, por sua vez, reflete a tiragem necessária para cada número. Percebe-se indispensável informar a data de impressão da edição no próprio fascículo, suas possíveis formas de aquisição – assinatura, permuta, distribuição gratuita, compra avulsa –, bem como se está disponível em outro formato – on-line, por exemplo.

Pensar a difusão de uma publicação impressa consiste em assegurar sua presença em bases de dados – que podem ser de textos completos, referenciais e de citações (mantendo critérios seletivos reconhecidos pela área, ou de abrangência restrita). O fator de impacto dos periódicos é obtido dividindo-se o número total de citações dos artigos, acumulados nos últimos dois anos, pelo total acumulado de artigos publicados pela revista no referido período. O fator de impacto ajuda a ponderar a importância relativa



do periódico, especialmente quando comparado com outros na mesma área. Para as áreas do conhecimento em que esse indicador possui maior relevância nos sistemas de avaliação de produção acadêmica, torna-se essencial pensar em estratégias para elevar esse índice.<sup>9</sup>

Nos procedimentos de edição de uma publicação periódica on-line, mantêm-se as principais etapas apresentadas anteriormente para edições impressas. Uma das principais diferenças aparece na edição de layout, onde o trabalho de projeto gráfico é substituído pela definição da arquitetura da informação e interface do *site* – com a proposta de consistência entre as páginas, tipos de recursos utilizados pelos artigos, formato dos fascículos e textos (PDF, html), sistemas de busca, ferramentas contextuais (mecanismos de recuperação contextualizada do conteúdo) e acessibilidade.

Cuidados devem ser tomados com relação à distribuição, ou formas de acesso, da publicação on-line, que mantém diferenças em relação aos volumes impressos. A preocupação com o acesso livre, não necessariamente sem custo – uma vez que os valores de produção da publicação podem ser repassados para os autores, por exemplo –, significa pensar na disponibilização livre na Internet do periódico, de modo que qualquer pessoa possa lê-lo, baixá-lo, copiá-lo, distribuí-lo. É preciso definir também se o conteúdo estará aberto por site próprio e não por um sistema integrado; se o envio das edições será feito por mala direta ou por solicitação de assinatura para acesso aos artigos. Ainda em relação à distribuição de periódicos on-line, é importante saber se o título também estará disponível em outro formato.

Cabe destacar que se a visibilidade dos periódicos depende também da capacidade de ser acessado em bases de dados e índices, questões tecnológicas são determinantes na localização das informações, geralmente realizadas através de mecanismos de busca e indexação. Para facilitar esse processo, pode-se associar metadados aos documentos, que são dados que descrevem informações sobre cada recurso digital. Estes têm a função de facilitar a recuperação de informações eletrônicas, fornecendo meios de identificação e organização, tornando possível a associação de fontes diferenciadas e heterogêneas. No âmbito da edição de periódicos eletrônicos, portanto, o termo visibilidade não se restringe apenas a características relacionadas à clareza do layout de um documento. Além do *web design*, a acessibilidade e o

---

<sup>9</sup> Sobre o tema sugerimos conferir FERREIRA, S.M.S.P. Fator de impacto da produção científica da área de ciências da comunicação: um longo caminho a ser percorrido. In: Pinho, J.B., ed. Comunicação brasileira no século XXI - Intercom: ação, reflexão. São Paulo: Intercom, 2007. p. 125-153. (Coleção Verde-amarela, vol.2 - A clava forte).



desenvolvimento de recursos otimizados para serviços de pesquisa compõem um conjunto de fatores que devem fazer parte do planejamento editorial de uma publicação.

A adoção de um sistema como o *Open Journal Systems* (OJS) da *British Columbia University* – traduzido e adaptado no Brasil pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) originando o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER) – permite que um periódico ganhe rapidez e transparência nos procedimentos editoriais, desde a submissão, avaliação, até a publicação on-line e indexação. Ligado à iniciativa de acesso livre à informação científica e ao utilizar o protocolo OAI-PMH – *Open Archives Initiative Protocol for Metadata Harvesting* –, possibilita o intercâmbio de metadados, ferramentas de apoio à pesquisa, assim como mecanismos para preservação dos conteúdos.

Segundo Packer e Meneghini (2006, p.253-254), o número médio de leitura ou de artigos acessados (*downloads*) constitui um dado fundamental na visibilidade de um periódico na *web*. Quanto maior este número, mais visível torna-se a publicação on-line. Potencializar este indicador é aumentar o número de *incomming links* para o periódico. Ou seja, participar de coleções internacionais de qualidade implica em usufruir do seu sistema de *links*. As revistas das coleções SciELO – *Scientific Eletronic Library Online*<sup>10</sup> – apresentam uma média de dois milhões de visitas por mês, muitas delas provenientes de índices e buscadores como LILACS, *Web of Science*, Portal Capes, *PubMed*, entre outros. O fator de impacto da maioria dos periódicos SciELO aumentou a partir da existência da coleção. (GRUSZYNSKI & GOLIN, 2007)

### **Considerações finais**

A produção editorial na contemporaneidade revela as tensões existentes entre o conhecido mundo impresso e seus pacotes determinados de informação, e o espaço on-line como um contínuo informativo. Questões arraigadas vêm sendo redimensionadas neste ambiente, assim como a própria velocidade de validação e circulação do conhecimento. O chamado sistema *on the fly*, ao oferecer a possibilidade de divulgar um texto assim que ele é liberado pelo *peer review*, pode suplantar a lenta circulação, a

---

<sup>10</sup> Projeto desenvolvido pela FAPESP, CNPq e BIREME. Trata-se de um agregador não-comercial para consulta a periódicos brasileiros e estrangeiros, selecionados a partir de critérios internacionais de qualidade. A rede ibero-americana de acesso aberto, liderada pelo Brasil e pelo Chile, publica indicadores bibliométricos similares aos do *Journal Citation Reports* (JCR) do ISI (*Institute for Scientific Information*). Apresenta sistema de metadados, *links* com outras fontes de informação, estatísticas de uso e citações e fator de impacto. No Brasil, serve como instância seletiva de indexação complementar, favorecendo a entrada dos periódicos nacionais em indicadores internacionais de referência.



eventual falta de pontualidade e os limites típicos da ciência organizada em fascículos de papel. Para Meadows (2001), mesmo que o periódico eletrônico necessite reproduzir as rotinas que abalizaram sua reputação e credibilidade na cultura letrada, aumenta-se cada vez mais, no cenário digital, os desafios em relação à filtragem daquilo que será disponibilizado on-line, dado o alcance e o efeito multiplicador da leitura em rede.

Nesse quadro de amplas e complexas mudanças, os roteiros apresentados representam uma estratégia provisória de produção editorial que entende que o suporte eletrônico exige muito mais do que uma mera transposição do impresso para o digital. Cabe lembrar, por fim, que esta questão não se restringe apenas à escolha de formatos e de estratégias de comunicação. Passa também, a longo prazo, por uma mudança de hábitos por parte dos pesquisadores, geralmente conservadores em relação aos modelos consagrados de sistematização, divulgação e circulação de seus trabalhos.

## Referências

- BIOJONE, Mariana Rocha. **Os periódicos científicos na comunicação da ciência**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (Org.) **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983.
- BRAGANÇA, Aníbal. Sobre o editor: notas para sua história. **Em Questão**: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p.219-237, jul./dez. 2005.
- BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CHARTIER, Roger. (Org.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Liberdade, 1996.
- FERREIRA, Sueli M. S. P.; TARGINO, Maria das Graças. **Preparação de revistas científicas**: teoria e prática. São Paulo: Reichmann & Autores, 2005.
- FERREIRA, S.M.S.P. Fator de impacto da produção científica da área de ciências da comunicação: um longo caminho a ser percorrido. In: Pinho, J.B., ed. **Comunicação brasileira no século XXI** - Intercom: ação, reflexão. São Paulo: Intercom, 2007. p. 125-153. (Coleção Verde-amarela, vol.2 - A clava forte).
- GRUSZYNSKI, Ana Cláudia; GOLIN, Cida. Periódicos científicos e a visibilidade da ciência na web: estudo de caso na UFRGS. **DataGramZero**, <<http://www.datagramazero.org.br>>, v. 8, n. 3, jun/2007.
- GRUSZYNSKI, Ana Cláudia; GOLIN, Cida. Periódicos científicos nos suportes impresso e eletrônico: apontamentos para um estudo-piloto na UFRGS. **Eptic**, <<http://www.eptic.com.br>>, v. VIII, n. 2, 2006.
- GRUSZYNSKI, Ana Cláudia; GOLIN, Cida; LUCCHESI, Alexandre. Desafios para a comunicação da ciência: um estudo sobre os periódicos científicos e eletrônicos da UFRGS. In: Anais do XXX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 2007, Santos.



HOUGHTON, Bernard. **Scientific Periodicals: their historical development, characteristics and control**. Londres: The Central Press, 1975.

LANCASTER, F. W. The evolution of electronic publishing. In: **Library Trends**, Illinois, v. 43, n.4, p. 518-524. 1995.

LAWRENCE, Steve. Free online availability substantially increases a paper's impact. **Nature Debate**. Disponível em: <<http://www.nature.com/nature/debates/e-access/Articles/lawrence.html>>, 31 maio 2001.

LYONS, Martyn. **A palavra impressa: histórias da leitura no século XIX**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

MARCHIORI, Patrícia Z.; ADAMI, Anderson. Autoria e leitura de artigos por docentes pesquisadores: motivações e barreiras. In: FERREIRA, Sueli M. S. P.; TARGINO, Maria das Graças. **Preparação de revistas científicas: teoria e prática**. São Paulo: Reichmann & Autores, 2005, pp. 73-100.

MEADOWS, Arthur Jack. **A Comunicação Científica**. (tradução de Antonio Agenor Briquet de Lemos) Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MEADOWS, Arthur Jack. 2001. Os periódicos científicos e a transição do meio impresso para o eletrônico. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 25, n.1, p.5-14, jan./jun. 2001.

OLIVEIRA, Érica. Produção científica nacional na área de geociências: análise de critérios de editoração, difusão e indexação em bases de dados. **Ciência da Informação**, Brasília, v.34, n.2, p.34-42, maio/ago. 2005.

OLSON, David. **O mundo de papel: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e escrita**. São Paulo: Ática, 1997.

SABBATINI, Marcelo. Qualidade da informação nas publicações científicas eletrônicas na Internet: desafios e propostas. **Teoría de la Educación y Cultura em la Sociedad de la Información**, Salamanca, v.2, 2000. Disponível em: <[http://www3.usal.es/~teoriaeducacion/rev\\_numero\\_02/n2\\_art\\_sabbatini.htm](http://www3.usal.es/~teoriaeducacion/rev_numero_02/n2_art_sabbatini.htm)> Acesso em 03 abr. 2006.

STUMPF, Ida Regina Chitto. Passado e futuro das revistas científicas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 383-386. 1996.

STUMPF, Ida Regina Chitto. Periódicos científicos. **Documentos ABEED, 8**. Porto Alegre: Associação Brasileira de Ensino em Biblioteconomia e Documentação, 1998.

TARGINO, M. G. Comunicação científica na sociedade tecnológica: periódicos eletrônicos em discussão. In: **Comunicação & Sociedade**, São Paulo, n.31, 1999.